MISSA TRANSMITIDA PELA TVI

**IGREJA DA CRUZ VERMELHA** 31 MARÇO 2019

**IV DOMINGO DA QUARESMA ANO C**

Caros amigos e irmãos

Comunidade de S. Vicente de Alcabideche a celebrar o dia da unidade paroquial sob o lema «um só Senhor, uma só fé, um só baptismo».

Irmãos doentes e idosos em casa, nos hospitais ou noutras instituições

Irmãos em comunhão connosco através da TVI

À luz da parábola do filho Pródigo ou do Pai Misericordioso, que acabámos de escutar, meditemos na nossa vida, tecida de lutas e combates, dores e dificuldades, alegrias e esperanças. A vida que temos e somos, por onde anda ela? Que caminhos percorremos? Que horizonte lhe rasgamos? Que sentido lhe acrescentamos de tal maneira que saibamos, nas diversas encruzilhadas, por onde ir, para onde ir, até onde ir? E, sobretudo, interroguemo-nos: afastar-nos-emos, ou não, da casa, da nossa casa, a Igreja, onde o Pai nos trata como filhos muito amados e onde nós podemos chamar-lhe «Pai Nosso»?

Como o filho mais novo, interpretando mal a nossa liberdade, abandonamos, muitas vezes, esta casa onde somos amados pelo amor infinito do Pai; onde somos conhecidos pelo nome; onde teremos sempre um lugar à mesa da Palavra e do Pão da Vida, como garantia de um dia nos sentarmos à mesa do Reino dos Céus; onde nos identificamos, de facto e de verdade, na comunhão de irmãos, na fraternidade universal dos filhos de Deus; onde somos todos iguais na partilha da natureza humana e da filiação divina; onde somos diferentes na complementaridade da diversidade de género, de talentos e de aptidões.

Nesta casa somos convidados a direcionar o nosso olhar fraterno e solidário para os irmãos, sobretudo os mais fragilizados, que vivem, convivem e trabalham connosco, na vizinhança da família, da empresa, do prédio, da rua, do bairro, das redes sociais; e somos convidados a direcionar o nosso olhar filial para o Pai.

Nesta casa comum – a Igreja – temos uma lei: a lei do amor, donde dimanam todas as outras (leis): a justiça, a paz, a solidariedade, a verdade, o perdão e a reconciliação. Nesta casa somos salvos na esperança. Teremos como herança a vida eterna.

Muitas vezes, desta casa nos afastamos, pelos caminhos tão dispersos da vida, mergulhados no materialismo que nos cega, incapazes de ver o caminho de regresso a uma plenitude de vida e de amor; dela nos afastamos pelos caminhos do individualismo que nos coloca à margem daquilo que mais nos identifica e melhor nos dignifica como pessoas: o amor, a comunhão, a fraternidade; dela nos afastamos pelos caminhos (do narcisismo) de quem se considera o centro de tudo: da vida, da sociedade e do mundo, quando o centro é Jesus Cristo e a comunidade onde Ele está, onde se faz presente como o primeiro dos irmãos, o pastor, o guia da nossa peregrinação; dela nos afastamos pelos caminhos duma liberdade mal entendida; liberdade mal entendida que não se deixa conduzir pelo farol da verdade, da justiça e do amor.

A herança que esbanjamos e não usamos da forma mais correcta é, de facto, a nossa liberdade, colocada ao serviço, pura e simplesmente, daquilo que nos apetece e de objectivos que em nada dignifica a condição humana. Tantas vezes, deixamos que a nossa liberdade se deixe escravizar pelo pecado e pela desobediência à lei do amor.

Esta herança é também o nosso coração feito para amar, que nem sempre encontra o rumo certo do amor. É a nossa vida, tesouro admirável que Deus nos deu e que tantas vezes a vivemos sem objectivos, vazia de sentido, sem horizonte, sem entrega a grandes causas, sem amor a Deus e ao próximo.

Caros amigos e irmãos, se foram esses, ou são, os caminhos por onde andamos, porque não imitar o filho mais novo no desejo de regresso à casa do Pai? «e se eu voltasse à casa de meu pai?» pensou. Entremos dentro de nós, desçamos as escadas da nossa interioridade, até à profundidade da alma, ao recôndito do coração, lá onde nos encontramos connosco próprios, onde tomamos as pequenas e as grandes decisões, onde Deus se encontra connosco. Então, identificaremos o desejo de Deus, a nostalgia da casa do Pai, a saudade do lugar onde fomos, somos e seremos amados e, porque amados, mesmo quando nos afastamos e pecamos, perdoados e acolhidos. O nosso regresso será garantidamente motivo de festa: de portas abertas, o Pai acolhe, alegra-se, pois vê de regresso o seu filho amado, reencontrado o seu filho perdido. E voltaremos a ser aquele filho amado do Pai.

A coragem do regresso a casa do Pai é a coragem do regresso ao nosso coração onde, em primeiro lugar o Pai nos acolhe, nos perdoa e nos declara «meu filho». É também o regresso à comunidade dos irmãos – a Igreja – onde Jesus Cristo, o Filho, é o primeiro de muitos irmãos. Onde os que já lá estão são convidados a acolher, a perdoar e a partilhar da festa de quem chega disposto a dizer: «Pai, pequei contra o céu e contra ti».

Neste nosso regresso à Casa do Pai, não mais olharemos para o passado das nossas vidas procurando identificar nela as quedas, as fragilidades, os pecados pois eles foram lavados pela misericórdia, apagados pelo amor infinito do Pai, cuja justiça integra a misericórdia. Cumprir-se-á a palavra do apóstolo «se alguém está em Cristo é uma nova criatura. As coisas antigas passaram; tudo foi renovado».

Cristo confiou à Igreja o ministério da reconciliação, dizia-nos Paulo. Porém, é Cristo quem nos reconcilia e apresenta ao Pai o nosso coração purificado, mediante o arrependimento e a confissão. A Igreja, a quem Cristo confiou este ministério, é convidada à purificação, a apresentar-se de rosto purificado perante a justiça e a misericórdia de Deus.

Neste IV Domingo da Quaresma, o Domingo da alegria, acolhamos o convite do Apóstolo: «reconciliai-vos com Deus», a fim de saborearmos a alegria do perdão. Seja qual for a nossa situação existencial, regressemos à casa do Pai e experimentemos a alegria do abraço do Pai, da fraternidade dos irmãos, da partilha do pão da Palavra e do pão da Eucaristia.

P J